

Um texto escrito em Libras/ELiS:

O sistema de escrita das línguas de sinais (ELiS) como recurso para registrar enunciados sinalizados

A text written in Brazilian sign language:

The writing system of the sign languages (ELiS) as a resource to register signed statements

Guilherme Gonçalves de Freitas¹

Universidade Federal de Goiás / UFG

Mariângela Estelita Barros²

Universidade Federal de Goiás / UFG

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes³

Universidade Federal de Goiás / UFG

Resumo: Até pouco tempo, as línguas de sinais eram consideradas línguas sem escrita, ou seja, ágrafas. Atualmente, no Brasil, há quatro sistemas de escrita, duas em contínua expansão, que são o *SignWriting* criado nos Estados Unidos por Valérie Sutton e o sistema brasileiro de escrita de sinais (ELiS) criado por Mariângela Estelita Barros. Nosso objetivo nesse artigo é apresentar os elementos básicos para escrever em ELiS e, em seguida, mostrar e discutir os aspectos de textualidade presentes em um texto escrito nessa modalidade. Para a fundamentação teórica, embasamo-nos em pesquisas que explicam como usar a ELiS (BARROS, 2015) e, também, mostramos a teoria de texto (KOCH, 1999) e a sua aplicabilidade em textos escritos em Libras/ELiS (FREITAS, 2020). Para a coleta de dados, usamos dados de uma pesquisa anterior (FREITAS; FIGUEIREDO; COSTA, 2019), na qual uma tarefa de produção de texto do gênero carta-convite foi aplicada a alunos em sala de aula. Como resultado, identificamos aspectos de textualidade no texto em Libras/ELiS que colaboram para a construção de significados no texto.

Palavras-chave: Texto; Sistema de escrita das línguas de sinais; ELiS; Escrita; Libras.

Abstract: Until recently, sign languages were considered to be unwritten languages, that is, unwritten languages. Currently, in Brazil, there are four writing systems, two in continuous expansion, which are the Signwriting created in the United States by Valerie Sutton and the Brazilian sign writing system (ELiS) created by Mariângela Estelita Barros. Our main goal in this article is to present the basic elements for writing in ELiS and, later, to show and discuss the aspects of textuality present in a text written in this modality. For the theoretical foundation, we are based on research that explains how to use ELiS (BARROS, 2015) and, also, we show the text theory (KOCH, 1999) and its applicability in written texts in Brazilian sign language (Libras) / ELiS (FREITAS, 2020). For data collection, we used data from a previous survey (FREITAS, FIGUEIREDO and COSTA, 2019), in which a text production task of the invitation letter genre was applied to students in the classroom. As a result, we identified aspects of textuality in the text in Libras / ELiS that contribute to the construction of meanings in the text.

Keywords: Text; Writing system for sign languages; ELiS; Writing; Libras.

¹ Mestrado em Letras e Linguística pela UFG. Professor do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Libras na Faculdade Itapuranga. E-mail: guilhermefreitaslibras@gmail.com.

² Doutorado em Linguística pela UFSC. Professora do curso de licenciatura e tradução e interpretação em Letras: Libras da UFG. E-mail: estelitabrasil@gmail.com.

³ Doutorado em Letras e Linguística pela UFG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. E-mail: elianemarquez@uol.com.br.

Submetido em 29 de junho de 2020.

Aprovado em 20 de dezembro de 2020.

Introdução

Esta pesquisa está inserida na área da Linguística Textual, na perspectiva dos estudos voltados à teoria de texto e escrita (BARROS, 2015; HIGOUNET, 2003; KOCH, 1999, 2000, 2001, 2006, entre outros). O que motivou a realização deste estudo foi o desejo de explicar o que é um texto em língua brasileira de sinais (Libras) utilizando o sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais (ELiS), bem como contribuir com a expansão da compreensão da teoria de texto.

Para a escrita da parte teórica foi feita uma pesquisa de revisão de literatura em periódicos, plataforma da Capes, Google acadêmico, Scielo e a biblioteca física e virtual da Universidade Federal de Goiás (UFG). Ao final de toda a revisão teórica, não foram encontradas pesquisas que explicassem as características de um texto escrito em Libras/ELiS. Desse modo, esta pesquisa, inédita, caminha em direção a mostrar que, por meio da ELiS, é possível escrever qualquer gênero textual.

A ELiS é a escrita proposta pela Professora Mariângela Estelita Barros, e foi criada em 1998 quando ela estava cursando Mestrado em Linguística na UFG. Já no Doutorado, em 2008, Estelita realizou uma pesquisa de verificação e prática da escrita com alunos Surdos⁴ e ouvintes, e após concluir a pesquisa, verificou que os alunos conseguiam fazer leituras e escrever usando o sistema dessa escrita.

Desde 2009, a ELiS passou a constar como disciplina obrigatória no primeiro curso presencial de licenciatura em Letras: Libras do Brasil, na UFG. No momento atual, a ELiS é ensinada em algumas instituições de ensino no Brasil e tem sido tema recorrente em pesquisas de língua de sinais (LS) (BARROS; FERNANDES, 2017; BENASSI, 2014; FERNANDES; CAMARGO, 2017; FERNANDES; SILVA; EL KHOURI, 2017, 2018; FREITAS, 2020; LIMA; BARROS, 2018; SILVA; SILVA, 2018; SILVA, et al. 2019; SPICACCI; BARROS, 2018).

Neste artigo, o objetivo é apresentar os aspectos de textualidade de um texto em Libras/ELiS criado a partir de uma tarefa de produção textual, além de apresentar os

⁴ Neste artigo, utilizamos a grafia de Surdo com ‘S’ maiúsculo, em virtude de reconhecer a Surdez como uma identidade compartilhada por falantes que usam a língua de sinais e que não veem a si mesma como deficientes, mas como “membros de uma minoria linguística e cultural com normas, atitudes e valores distintos e uma constituição física distinta” (LANE, 2008. p. 284).

elementos básicos para escrever em ELiS. Desse modo, a pergunta de pesquisa é: o que é um texto escrito em Libras utilizando a ELiS?

Este estudo está estruturado em quatro seções. Na primeira seção apresentamos o referencial teórico que explica sobre a estrutura básica para escrever em ELiS e falamos um pouco sobre a noção de texto. Na segunda seção descrevemos a metodologia. Na terceira seção explicamos o que é um texto em Libras/ELiS a partir do corpus coletado. Finalmente, na quarta seção, trazemos as considerações finais.

1 A estrutura básica para escrever em ELiS

Nesta seção, apresentamos uma noção básica sobre os aspectos fundamentais da escrita em ELiS. Para uma leitura mais aprofundada sobre o assunto, convidamos a interagir nos estudos realizados por Barros (2015), Fernandes (2015) e Freitas (2020). Na primeira leitura, a autora traz em sua obra a história da ELiS e, em seguida, apresenta o sistema de maneira detalhada. Na segunda leitura, Fernandes (2015) apresenta a viabilidade da ELiS em diversas línguas de sinais. Já no estudo de Freitas (2020), o autor analisa os erros na escrita em ELiS, e explica as razões deles acontecerem. Além disso, nesse estudo são discutidas as estratégias de aprendizagem de Libras/ELiS e a percepção de alunos sobre a importância do sistema de escrita para sua formação como futuros professores de Libras.

A ELiS é composta por um total de 95 letras, o que Barros (2015) chama de visografemas. A maioria dessas letras apresenta um aspecto icônico, ou seja, faz alusão ao aspecto visual do que cada letra representa. Por exemplo, alguns movimentos direcionais, como para cima, para baixo, para direita ou para esquerda, são indicados por visografemas que têm o formato de setas, conforme pode ser visto na Figura 4 a seguir.

O sistema ELiS é uma escrita de base alfabética, por apresentar símbolos gráficos para os elementos que compõem os parâmetros de qualquer língua de sinais, ou seja, por representar os elementos básicos dessas línguas. Apresenta uma estrutura linear, sequencial, da esquerda para a direita. Para escrever uma palavra utilizando o sistema ELiS, é preciso respeitar a ordem básica de representação dos parâmetros, que é configuração de dedos (CD), orientação da palma (OP), ponto de articulação (PA), movimento (M) e as expressões não manuais (BARROS, 2015, 2016).

O grupo de CD se divide em dois subgrupos: visografemas de polegar e visografemas de demais dedos. Nesse grupo, há dez visografemas, sendo cinco para o polegar, quatro para os demais dedos e um visografema em comum entre os dois subgrupos, como vemos a seguir:

Figura 1. Visografemas de Configuração de dedos



Fonte: Barros (2015, p. 99).

Barros (2008) propôs representar a configuração de mão, em Libras, dedo a dedo, isto é, primeiro se escreve a posição do polegar e depois a posição dos demais dedos. Para a autora, essa representação torna o sistema mais econômico em número de caracteres e adaptável para o seu uso, visto que há várias combinações de mãos possíveis nas LS.

O grupo de OP é composto por seis visografemas que indicam a direção inicial em que a palma está no espaço de sinalização, podendo ser para frente ou para trás, para medial ou distal, para cima ou para baixo, conforme é ilustrado a seguir:

Figura 2. Visografemas de Orientação da palma



Fonte: Barros (2015, p. 99).

O grupo de PA é composto por trinta e cinco visografemas e é dividido em quatro subgrupos, sendo quinze visografemas para representar partes da cabeça, cinco para o tronco, oito para os membros do corpo e sete para as mãos, conforme é ilustrado a seguir:

Figura 3. Visografemas de Ponto de articulação

Fonte: Barros (2015, p. 100).

O grupo M é composto por quarenta e quatro visografemas e é dividido em três subgrupos, sendo vinte para representar os movimentos dos braços, doze para os movimentos dos dedos e dos punhos e doze para os movimentos sem as mãos, conforme é ilustrado a seguir:

Figura 4. Visografemas de Movimento

Fonte: Barros (2015, p. 101).

Todos esses caracteres⁵ compõem o conjunto das letras do sistema ELiS, que combinados formam uma palavra, como na Figura 5.

Figura 5. Sinal /RIO-GRANDE-DO-SUL/ escrito e sinalizado em Libras/ELiS

CD	OP	PA	M	SINAL
∩	☒	☒	e	∩☒☒e
				

Fonte: Os autores.

Algumas palavras não apresentam o grupo de M. Em um texto, as palavras são separadas por espaços em branco. As frases e orações são separadas por sinais de pontuação, como o ponto final, interrogação, exclamação, dois pontos, ponto e vírgula e a vírgula.

Na ELiS, há oito tipos de sinais que apresentam algumas regras específicas, são eles: monomanual, bimanual simétrico, bimanual assimétrico, bimanual quase simétrico, mão de apoio, sinal composto, sem as mãos, e por último, a soletração (FREITAS, 2020). A maioria deles obedece à mesma sequência de organização dos visografemas, a saber, CD, OP, PA e M, com exceção dos sinais sem as mãos e a soletração, como veremos a seguir, na explicação de cada tipo de sinal.

O tipo de sinal monomanual representa sinais realizados apenas com uma mão e segue a estrutura mostrada na Figura 5, que é a estrutura básica de uma palavra escrita com a ELiS. Um outro exemplo é o sinal para /GOIÂNIA/:

Figura 6. Sinal Monomanual⁶

Estrutura do sinal em ELiS				Libras sinalizada	Glosa
CD	OP	PA	M		
il.	☒	☒	L ²		/GOIÂNIA/

Fonte: Freitas (2020, p. 55).

⁵ Para mais detalhes sobre como cada visografema é utilizado para escrever sinais na Libras, sugerimos a leitura de Barros (2015) e de Freitas (2020).

⁶ Neste artigo, utilizamos o recurso de QR Code para que o leitor possa ter acesso ao sinal produzido em Libras sinalizada. Desse modo, aproxime a câmera do celular ao código para a visualização dos sinais.

O sinal Bimanual Simétrico representa sinais realizados com as duas mãos idênticas ou espelhadas. Ele é caracterizado pela utilização do elemento gráfico  antes do início da palavra.

Figura 7. Sinal Bimanual Simétrico⁷

Estrutura do sinal em ELiS								Libras sinalizada	Glosa
CD _E ¹⁶	CD _D ¹⁷	OP _E	OP _D	PA _E	PA _D	M _E	M _D		
	.								/TRABALHAR/

Fonte: Freitas (2020, p. 57).

O sinal Bimanual Assimétrico é usado quando as duas mãos apresentam combinações diferentes em cada um dos quatro grupos. Dessa maneira, em ELiS, para cada grupo, é escrito primeiramente o visografema da mão esquerda, seguido do visografema da mão direita, como podemos observar o sinal /FEIRA/, ilustrado na Figura 8.

Figura 8. Sinal Bimanual Assimétrico

Estrutura do sinal em ELiS								Libras sinalizada	Glosa
CD _E	CD _D	OP _E	OP _D	PA _E	PA _D	M _E	M _D		
.						-			/FEIRA/

Fonte: Freitas (2020, p. 57).

O tipo de sinal Bimanual Quase Simétrico ocorre quando de um a três grupos apresentam especificações diferentes. Nesse tipo, o elemento gráfico que indica duas mãos idênticas ou espelhadas somente é usado quando a CD nas duas mãos for igual. Observe, no exemplo a seguir, o sinal /LEI/ em que as OP's são iguais nas duas mãos, porém, as CD's, os PA's e os M's são diferentes.

Figura 9. Sinal Bimanual Quase Simétrico

Estrutura do sinal em ELiS								Libras sinalizada	Glosa
CD _E	CD _D	OP _E	OP _D	PA _E	PA _D	M _E	M _D		
	.					-			/LEI/

Fonte: Freitas (2020, p. 58).

⁷ CD_E refere-se à mão esquerda e CD_D refere-se à mão direita.

No sinal com Mão de apoio, a mão não dominante tem a OP para cima ou para baixo, seu movimento é inexistente e ocorrem PA's específicos que são antebraço, punho, dorso e palma. Na escrita de sinais com essas características, devem ser representadas a CD, a OP e o M da mão dominante, e o PA da mão não dominante, como no exemplo da Figura 10, o sinal /CONVERSAR/:

Figura 10. Sinal Mão de Apoio

Estrutura do sinal em ELiS				Libras sinalizada	Glosa
CD	OP	PA _E	M		
_†	☐	☑	○		/CONVERSAR/

Fonte: Freitas (2020, p. 59).

O sinal Composto é formado por duas ou mais partes, que podem ser sinais independentes ou não. Nesse tipo de sinal, usa-se o elemento gráfico ∙ ∙ ∙, o qual indica a junção dessas partes, como na palavra /ESCOLA/, a seguir:

Figura 11. Sinal Composto

Estrutura do sinal em ELiS										Libras sinalizada	Glosa
CD	OP	PA	M		CD	OP	PA	M	M		
ED	ED	ED	ED		ED	ED	ED	E	D		
//_†	☐	☐		∙ ∙ ∙	//_†	☐	☐	-	↓		/ESCOLA/

Fonte: Freitas (2020, p. 60).

O tipo de sinal Sem as Mãos representa sinais não manuais, cujos movimentos são realizados por outras partes do corpo que não as mãos. Sua escrita envolve apenas visografemas do grupo de M, como no sinal para /SOPRAR/:

Figura 12. Sinal Sem as Mãos

Estrutura do sinal em ELiS				Libras sinalizada	Glosa
CD	OP	PA	M		
			∙ ∙ ∙		/SOPRAR/

Fonte: Os autores

O último tipo é o sinal Soletrado. Quadros e Karnopp (2004, p.88) mencionam sinais nativos e não nativos nas línguas de sinais, e afirmam que “o léxico não-nativo

contém também palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira”. Sua estrutura morfofonológica é completamente diferente da do léxico nativo, pois é composta apenas por uma sequência de configurações de mão, o que reflete na escrita em uma estrutura de palavra também diferente das demais. Para escrever sinais soletrados com a ELiS, utilizam-se apenas os visografemas de CD, como no exemplo a seguir, na soletração do sinal para /BELO HORIZONTE/:

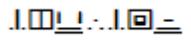
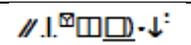
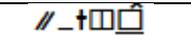
Figura 13. Sinal Soletrado

Estrutura do sinal em ELiS				Libras sinalizada	Glosa
CD	OP	PA	M		
					/BELO HORIZONTE/

Fonte: Freitas (2020, p. 56).

Saber o que cada visografema representa e entender os tipos de sinais na ELiS são conhecimentos básicos para uma pessoa poder ler e escrever. Além disso, é importante que o aprendiz compreenda os sinais de pontuação na ELiS. Apesar da semelhança dos sinais de pontuação comumente utilizados em textos escritos em línguas orais, na ELiS, há alguns elementos gráficos de pontuação que apresentam valores próprios e definidos para escrita de uma palavra, dois dos quais já mencionamos anteriormente, como podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1. Elementos gráficos da ELiS

Os sinais gráficos	O que indicam	Onde usar	Libras/ELiS	Glosa
	União de partes de um sinal composto	É utilizado nos sinais compostos para mostrar a união de duas partes, formando um único sinal. Essas duas partes podem ser sinais independentes ou dependentes.		/SURD@/
	Ausência de movimento em uma das mãos	É utilizado nos sinais bimanuais assimétricos ou quase simétricos, quando apenas uma das mãos não tem movimento.		/PORQUE /
	Uso das duas mãos com configurações de dedo iguais	É utilizado sempre no início dos sinais bimanuais simétricos, e também antes dos quase simétricos quando suas CDs são iguais.		/CASA/

Fonte: Freitas (2020) – adaptado.

Além dos visografemas, os tipos de sinais e os elementos gráficos que foram apresentados anteriormente, a ELiS ainda inclui alguns diacríticos. No Quadro 2, podemos verificar alguns deles e saber de que maneira devem ser usados.

Quadro 2. Alguns diacríticos na ELiS

Os diacríticos	O que indicam	Onde usar	Libras/ELiS	Glosa
	União dos demais dedos.	O <i>tracinho</i> é usado nos visografemas de CD do grupo de demais dedos.		/SABER/
	Contato entre a ponta do polegar e os demais dedos.	O <i>pontinho</i> é usado nos visografemas de CD, acima do visografema de demais dedos.		/OI/
>	Lado direito do Ponto de Articulação.	Os diacríticos de lateralidade são usados sempre à direita dos visografemas de PA.		/BOLSA/
<	Lado esquerdo do Ponto de Articulação.			/AMOR/
—	Contato simples no Ponto de Articulação.	Os diacríticos de contato são usados abaixo dos visografemas de PA		/VERDE/
--	Contato em dois pontos do mesmo Ponto de Articulação.			/PEDAGOGIA/
---	Contato em três pontos ou mais do mesmo Ponto de Articulação.			/CRIANÇAS/
:	Repetição do Movimento.	Os <i>dois pontinhos</i> são usados acima e à direita dos visografemas de movimento.		/TER/
..	Alternância do Movimento			/TELEVISÃO/

Fonte: Freitas (2020) – (adaptado)

1.3 A noção de texto

A teoria de texto teve seu primeiro estudo desenvolvido pelo filósofo e escritor alemão Harald Weinrich (BENTES; REZENDE, 2008; FERNANDES, 2007; KOCH, 1999, 2000, 2001, 2006; MARCUSCHI, 2008). Fernandes (2007) e Marcuschi (2008) explicam que há quatro diferentes perspectivas para entender a noção de texto, sendo elas: a noção formalista embasada em Saussure; a noção culturalista de Halliday; a noção variacionista por Chomsky e a noção sociointeracionista defendida por Bakhtin.

A noção formalista vê a língua como um conjunto finito de regras, ou seja, é estudada a partir de estruturas gramaticais, cuja ênfase se dá na forma e não no conteúdo. Em termos metodológicos, a noção formalista vê um texto como unidades que compõem as regras da língua. Bentes e Rezende (2008, p. 25) mencionam que em um texto, nessa concepção, “são contempladas as ligações entre as frases/orações do objeto, constituindo procedimentos que asseguram ao objeto sua existência enquanto fenômeno linguístico organizado e limitado extensionalmente”. Assim, a visão formalista estudaria o texto em Libras/ELiS como um conjunto de regras do sistema em frases.

A noção culturalista vê a língua como um sistema de códigos, cuja prioridade está na comunicação. Para Koch (2006, p. 16), o texto “é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito”. Assim, nessa visão, para se ler um texto em Libras/ELiS bastaria conhecer os visogramas e saber o que cada um representa.

A noção variacionista não vê a língua falada e escrita como unidades separadas, “mas separa os textos em variedades linguísticas como ‘língua padrão’ e ‘língua não-padrão’” (FERNANDES, 2007, p. 44). Dessa forma, a visão variacionista não separa a língua de sinais e o seus sistemas de escrita.

Já para a noção sociointeracionista, um texto é visto como produto das interações humanas, ou seja, vê língua, sujeito e texto como

uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2006, p. 17)

Sendo assim, o sentido do texto é construído na interação entre os sujeitos. Na visão sociointeracionista, um texto em Libras/ELiS é visto como uma atividade comunicativa global, na qual os parceiros de uma atividade dialogam e constroem o sentido do texto na colaboração com o outro.

Essas diferentes concepções nos possibilitam ampliar a nossa compreensão de texto, considerando especialmente os contextos com diferentes línguas e também diferentes formas de registro, sinalizado ou escrito, dessas línguas. Assim, entendemos

que um texto é toda e qualquer forma comunicativa do indivíduo, seja oral, sinalizada ou escrita, seja por meio de imagem, lembrete, anime, meme, propaganda, gestos ou um conjunto de palavras separadas por espaços brancos em que a sequência desses elementos lexicais apresenta coerência e coesão.

Fiorin (2008, p. 52), ao citar Bakhtin, corrobora essa afirmação. Para ele,

[o] texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada de materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido: o texto, o domínio da manifestação. O enunciado não é manifestado apenas verbalmente, o que significa que, [...] o texto não é exclusivamente verbal, pois é qualquer conjunto coerente de signos, seja qual for sua forma de expressão (pictórica, gestual etc.).

Cada uma das ideias sobre textos mencionadas aqui tem, certamente, validade e importância na área da Linguística Textual. No entanto, é importante mencionar que apesar de o texto ter o seu caráter comunicacional, funcional e operacional, é preciso entender e saber identificar quais os aspectos de textualidade fazem parte dele.

Koch (1999, 2000, 2001, 2006) explica que há sete critérios que contribuem para uma melhor compreensão sobre os processos de textualização ao escrever um texto, sendo eles: cinco fatores pragmáticos centrados no usuário (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade) e dois orientados para a função do texto (coesão e coerência), sendo a coesão voltada ao aspecto formal e a coerência ao aspecto semântico.

A intencionalidade e a aceitabilidade são funções que devem ser vistas como interdependentes. A intencionalidade é vista como a capacidade do enunciador em informar, convencer e divulgar o enunciado (BENTES; REZENDE, 2008; COSTA VAL, 1994). Em textos escritos em Libras/ELiS, por exemplo, um falante de Libras faz escolhas gestuais e de registros escritos para dizer o que pretende. A aceitabilidade, por sua vez, refere-se à atividade do interlocutor em receber o texto como uma unidade linguística interpretável, coerente, coesa e significativa.

A situacionalidade refere-se à relevância do assunto e sua função comunicativa. Em textos escritos em Libras/ELiS, por exemplo, esse aspecto aparece quando o falante consegue contextualizar e gerar sentidos específicos ao enunciado. A informatividade diz respeito ao conhecimento que o enunciador tem sobre um assunto, nesse caso, é preciso que ele consiga desenvolver o texto apresentando tais informações. A

intertextualidade compreende a capacidade do autor em envolver um ou mais textos em um enunciado (BENTES; REZENDE, 2008; COSTA VAL, 1994).

Situando agora aos aspectos ligados à construção de um texto, Costa Val (1994) explica que a coerência e a coesão são elementos textuais que não devem ser vistos como unidades separadas, pois uma depende da outra. A autora define “a coerência como a configuração conceitual subjacente e responsável pelo sentido do texto, e a coesão como sua expressão no plano linguístico (COSTA VAL, 1994, p. 20)”. Em outras palavras, a coerência está diretamente ligada ao planejamento conceitual das ideias do texto, isto é, se o autor consegue escrevê-lo deixando compreensível e desenvolvendo as ideias de maneira lógica. Já a coesão está ligada ao processo de conexão estabelecida entre as palavras e frases no texto.

Levando em consideração que as línguas orais e sinalizadas apresentam diferenças⁸ no plano de realização linguística, uma por ser oral auditiva e a outra visuoespacial, de que maneira ocorre a coesão na Libras? Segundo Quadros (2011 apud Domingos 2013, p. 23), a coesão na Libras

se faz por meio de procedimentos de recorrência ou progressão. Os sinais repetidos de forma sistematizada determinam a coesão. A apontação reitera a referência que é, normalmente, estabelecida previamente no espaço. A progressão é organizada por meio do uso da estrutura de tópico e comentário, bem como, pelo uso da direção do olhar e da apontação que podem reiterar o tópico de forma menos explícita e desencadear os comentários.

Koch (1988, 1999) define a coesão textual em quatro categorias⁹: a coesão referencial; a coesão por elipse; a coesão lexical e coesão por conjunção. Segundo a autora, a coesão referencial é aquela realizada através da remissão a um referente textual com o qual o componente remissivo relaciona-se semanticamente. Nessa categoria, a autora explica que há dois mecanismos básicos de coesão, sendo a coesão por substituição e a coesão por reiteração.

A coesão por substituição acontece quando o indivíduo substitui uma palavra do texto por um pronome, um advérbio ou um verbo. No caso da substituição pronominal,

⁸ Para compreender sobre os aspectos linguísticos da Libras, sugerimos a leitura de Quadros e Karnopp (2004).

⁹ Neste artigo não pretendemos esgotar o assunto referente à classificação dos tipos de coesão e coerência. Desse modo, sugerimos a leitura de Koch (1999, 2000, 2001, 2006), que apresenta os aspectos de textualidade em línguas orais. Por outro lado, para mais detalhes sobre os aspectos de textualidade em línguas de sinais, sugerimos a leitura dos trabalhos desenvolvidos por Domingos (2013), Reis e Bidarra (2019), Reis (2019) e Rodrigues (2017).

por exemplo, ela pode ocorrer por meio do uso de anáforas, que é quando o pronome retoma o termo dito anteriormente, ou por catáforas, que é quando a palavra é substituída antecipadamente pelo pronome. Um exemplo de anáfora que ocorre com muita frequência em Libras/ELiS pode ser observado a seguir:

Figura 14. Coesão por substituição

(1) Libras/ELiS	
Glosa	/ERA UMA VEZ/ /2/ /IRMÃOS/, /CLASSIFICADOR DE PESSOA NO ESPAÇO ESQUERDO/ /P-A-U-L-O/, /CLASSIFICADOR DE PESSOA NO ESPAÇO DIREITO/ /C-A-R-L-O-S/, /APONTAMENTO PESSOA LADO ESQUERDO/ /FILHO/ /JOVEM/, /APONTAMENTO PESSOA LADO DIREITO/.
Português	Era uma vez dois irmãos, Carlos e Paulo. Carlos era o filho mais jovem. Paulo ...

Fonte: Freitas (2020, p. 92) – adaptado.

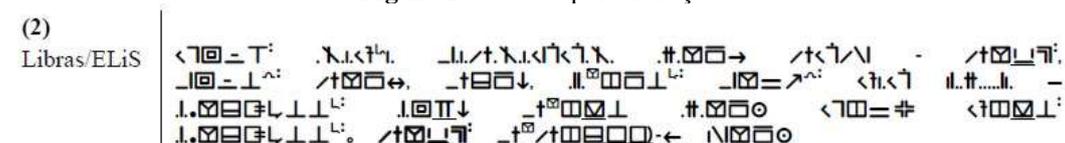
No exemplo 1, podemos observar na terceira e quinta palavras, em negrito, a marcação de pessoa no lado esquerdo do espaço neutro para o personagem ‘Paulo’ e à direita para ‘Carlos’. Em seguida, há o uso de apontamento para se referir a Carlos (cf. linha dois e segunda palavra) e Paulo (cf. linha dois e quinta palavra) em substituição à datilografia. Nesse exemplo, vimos um dêitico anafórico pronominal singular, uma vez que o enunciador usa o pronome como forma de retomar o referente já citado anteriormente, como explicam Reis e Bidarra (2019).

Quadros e Karnopp (2004, p. 130) explicam que,

[n]a língua de sinais brasileira, os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, sendo que tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso. Quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente.

Já a coesão por reiteração ocorre por meio do uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, de expressões nominais definidas ou por repetição do mesmo item lexical. No exemplo a seguir, podemos observar a retomada de um item lexical usado no texto da pesquisa realizada por Freitas (2020), em que os alunos escrevem um texto narrativo que conta a história de um cachorro que sonhava em ser cão-guia.

Figura 15. Coesão por reiteração

(2) Libras/ELiS	
Glosa	/CACHORRO/ /R-A-Ç-A/ /L-A-B-R-A-D-O-R/ /NOME/ /B-O-T/ - /SINAL-NOME/ /COR/ /BEGE/ /BAIXO/ /SEMPRE/ /SONHAR/ /C-A-O G-U-I-A/ - /SINAL-NOME/ /VONTADE/ /PARTICIPAR/ /UNIVERSIDADE/ /APRENDER/ /CURSO/ /C-A-O G- U-I-A/ /SINAL-NOME/ /CHEGAR/ /FACULDADE/
Português	Bot era um cachorro labrador pequeno, com pelagem na cor bege. Ele sempre sonhou em ser um cão-guia. Sua vontade era de entrar na universidade e aprender a ser cão-guia.

Fonte: Freitas (2020, p. 237). – adaptado.

Nesse exemplo, observa-se que o sujeito da frase é /CACHORRO/ (cf. linha um e primeira palavra), um sinal monomanejo em que a CD do polegar e demais dedos são curvos, a OP está para trás, o PA acontece na boca e o movimento é linear para trás com repetição. Nesse primeiro trecho, os alunos iniciam a narrativa apresentando o personagem e descrevendo as suas características. Em seguida, na quarta linha, segunda palavra, os alunos retomam o sujeito da frase usando o sinal-nome criado por eles para se referir ao cachorro BOT.

A coesão por elipse, segundo Koch (1999), ocorre pelo ocultamento ou omissão de uma ou mais palavras em uma oração, sem que essas comprometam o sentido do texto. No recorte 3, temos um exemplo de ocultamento do sujeito por meio do uso de dois verbos espaciais na Libras. Veja o exemplo:

Figura 16. Coesão por elipse

(3) Libras/ELiS	
Glosa	/COMPUTADOR/ /MEU/ /QUEBRAR/ /LEVAR/ /CONSERTAR/.
Português	Meu computador quebrou. Vou levá-lo para arrumar.

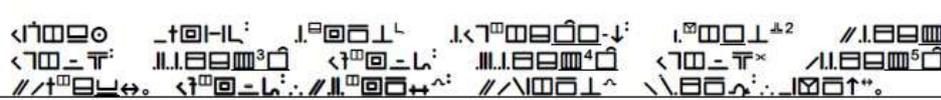
Fonte: Reis (2019, p. 101). – adaptado.

O sujeito da frase é o sinal /COMPUTADOR/, presente na primeira linha e primeira palavra, em negrito. Nesse excerto, o sinalizante retomou o sujeito da frase por meio de dois verbos, /LEVAR/ e /CONSERTAR/, ambos em negrito, na quarta e na quinta palavra. Nesses exemplos, os dois verbos são construídos no espaço neutro e são classificados como verbos espaciais ou com concordância.

Reis (2019) explica ser muito usual a omissão de sujeitos em verbos espaciais, pois esses verbos admitem afixos locativos. No sinal /LEVAR/, por exemplo, observa-se que o referente foi construído no mesmo espaço onde acontece o sinal /COMPUTADOR/, no espaço neutro, em frente ao corpo. Em seguida, o sinalizante, ao estabelecer uma relação de levar o computador para algum lugar, realiza o movimento do centro do espaço neutro para a esquerda. E nesse mesmo local, no espaço neutro à esquerda, realiza o sinal /CONSERTAR/.

A coesão lexical diz respeito às relações de sentido estabelecidas entre as palavras do texto e a adequação de seu significado. Em outras palavras, é um mecanismo que envolve a utilização de uma mesma palavra com relações semânticas parecidas (KOCH, 1999). Koch explica que a coesão lexical pode ocorrer por meio de sinônimos, pronomes, hipônimos ou heterônimos. A seguir, podemos ver um exemplo em Libras/ELiS de coesão lexical, pois se observa na frase a retomada do sinal /FRUTAS/, na terceira linha e segunda palavra, para indicar todas as frutas mencionadas anteriormente.

Figura 17. Coesão lexical

(4) Libras/ELiS	
Glosa	/DOMINGO/ /PASSADO/ /IR/ /FEIRA/ /COMPRAR/ /APONTAMENTO DEDO INDICADOR E INDICADOR/ /LARANJA/ /APONTAMENTO DEDO MÉDIO E INDICADOR/ /MAÇÃ/ /APONTAMENTO DEDO ANELAR E INDICADOR/ /LIMÃO/ /APONTAMENTO DEDO MÍNIMO E INDICADOR/ /MELANCIA/ /FRUTAS/ /TUDO/ /CARO/
Português	Domingo passado fui à feira comprar laranja, maçã, limão e melancia. Todas as frutas estavam com preço muito alto.

Fonte: Freitas (2020, p. 92) – adaptado.

Por fim, a coesão por conjunção ocorre quando há o uso de marcadores formais no texto. Como exemplo de alguns tipos desses conectivos tem-se os marcadores de ligação: *mas*, *então*, *depois*, *assim*, *e*, *por isso*, entre outros (KOCH, 1999). Em Libras, a coesão por conjunção acontece por meio de apontamentos, do movimento, do olhar e do espaço, como explica Domingos (2013) e também por algumas conjunções já estabelecidas na Libras. No exemplo 5, a seguir, retomamos o enunciado do trecho 4 quando o sinalizante usa o sinal /MAS/, na primeira linha e quinta palavra, para mencionar que havia ido a feira para comprar frutas, mas não tinha dinheiro para

comprar tomates. Nesse excerto, mostramos um tipo de conjunção adversativa, em negrito, que ocorre em Libras/ELiS:

Figura 18. Coesão por conjunção

(5) Libras/ELiS	
Glosa	/NÃO PODER/ /ESQUECER/ /COMPRAR/ /TOMATES/ /MAS/ /NÃO TER/ /DINHEIRO/
Português	Eu não poderia me esquecer de comprar tomates, mas estava sem dinheiro.

Fonte: Freitas (2020, p. 92) – adaptado.

2 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza documental (MARCONI; LAKATOS, 2003), uma vez que os dados analisados aqui foram recolhidos de um artigo já publicado, intitulado ‘A colaboração na aprendizagem de escrita das línguas de sinais (ELiS): o que pensam alunos ouvintes sobre o trabalho em pares’ (FREITAS; FIGUEIREDO; COSTA, 2019). No referido estudo, analisamos a tarefa de produção textual que foi aplicada em uma turma de 21 alunos da UFG que cursavam, na época, o 3º período do curso de licenciatura em Letras: Libras. O dado que será apresentado é de dois alunos ouvintes que escreveram um texto juntos.

Naquele estudo, os alunos foram solicitados a produzir por escrito uma carta-convite, em português e em Libras/ELiS, relacionada a um evento que acontece todos os anos na Universidade, denominado Espaço das Profissões. O objetivo dessa ação foi convidar, por escrito, alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio, de três escolas de educação inclusiva da cidade de Goiânia, a participarem do evento.

A realização dessa tarefa teve início com a apresentação do professor explicando as características do gênero carta. As instruções endereçadas aos estudantes foram fornecidas por meio da Libras sinalizada e do português oral e escrito. Em seguida, os alunos escreveram a carta em português e em Libras/ELiS, partindo das informações que eles tinham sobre o Espaço das Profissões. Ao finalizar a produção escrita, optou-se pela criação de cartões que, confeccionados pelos alunos, foram distribuídos nas escolas (ver a produção dos cartões no estudo de Freitas, Figueiredo e Costa (2019, p. 299)).

No presente estudo, propusemo-nos a discutir os aspectos de textualidade presentes em um texto produzido para o estudo de Freitas, Figueiredo e Costa (2019). Esse texto foi reescrito no computador utilizando a fonte ELiS, uma fonte específica do

tipo *truetype*. A justificativa para digitar o texto dos participantes é facilitar a análise dos dados, uma vez que o texto original, manuscrito, podia não apresentar uma caligrafia muito clara, além de, ao digitar, podermos numerar as linhas para nos referirmos a elas posteriormente no momento da análise.

3 Resultados e discussões sobre um texto escrito em Libras utilizando a ELiS

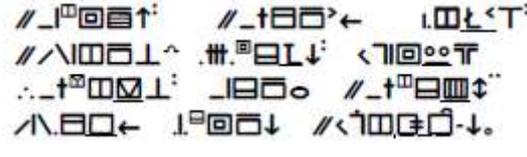
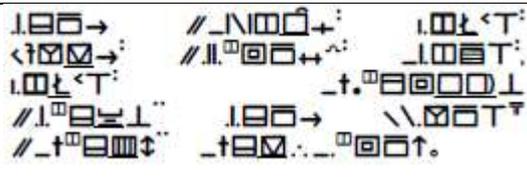
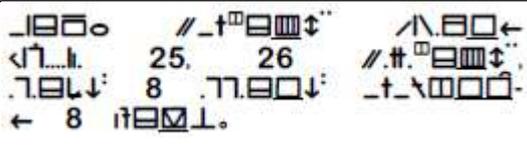
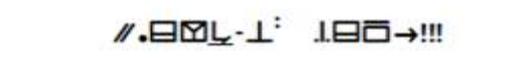
Um texto escrito em Libras/ELiS apresenta um visual gráfico diferente de um texto escrito em português pelo fato de a ELiS possuir letras com design próprio, que são os visografemas. Mas o que há de comum entre os textos escritos em línguas orais e os textos escritos em Libras/ELiS?

A presença dos sinais de pontuação, os números, os espaços em branco separando uma palavra da outra, a sequência horizontal e linear de representação das letras e os tipos textuais (narração, dissertação, carta etc.) são exemplos dessas semelhanças.

Por outro lado, o que há de incomum entre textos escritos em línguas orais e textos escritos em Libras/ELiS, além do formato das letras, são as diferenças estruturais entre as línguas de sinais (de modalidade visual-espacial) e as línguas orais (de modalidade oral-auditiva). A Libras, diferente do português, apresenta uma sintaxe espacial, inclui os chamados classificadores, utiliza referências anafóricas por intermédio de pontos estabelecidos no espaço, atribui um valor gramatical às expressões faciais que, nos textos, são marcados em muitos casos pelos sinais de pontuação.

Para escrever um texto em ELiS, o aluno precisa ter um domínio sobre as regras ortográficas do sistema e compreender, principalmente, como acontecem as relações morfossintáticas e semânticas das línguas de sinais. Na Figura 19, apresentamos um texto, do gênero carta, retirado do estudo de Freitas, Figueiredo e Costa (2019).

Quadro 3. Elementos de organização do texto carta-convite escrito em Libras/ELiS

Linha	Informação	Glosa	Português	Libras/ELiS
1ª	Vocativo	/ALUNO/	Aluno	ALUNO
2ª a 4ª	Divulgação do evento	/ALEGRIA/ /CONVIDAR/ /ALUNO/ /TODOS/ /ENSINO MÉDIO/ /PARTICIPAR/ /ESPAÇO/ /PROFISSÃO/ /ACONTECER //AQUI/ /UFG/	É com muita alegria que convidamos todos os alunos do Ensino médio a participarem do espaço das profissões que acontecerá aqui na UFG.	
5ª a 7ª	Relevância do evento	/VOCÊS/ /CONTATO/ /ALUNO/ /CURSO/ /VÁRIOS/ /TER/ /ALUNO/ /AJUDAR/ /DÚVIDA/ /VOCÊS/ /ESCOLHER/ /PROFISSÃO/ /MELHOR/	... vocês terão contato com alunos de diversos cursos, que poderão ajudá-los a tirar dúvidas para fazerem a melhor escolha em sua carreira profissional.	
8ª e 9ª	Informações sobre a data e horário do evento	/ESPAÇO/ /PROFISSÃO/ /ACONTECER /DIA/ /25/ /26/ /JUNHO/ /HORÁRIO/ /8/ /MANHÃ/ /ATÉ/ /8/ /NOITE/	O evento acontecerá nos dias 25 e 26 de Junho, das 8:00 às 20:00 h.	
10ª	Frase de efeito	/ESPERAR/ /VOCÊS/	Aguardamos vocês!!!	

Fonte: Os autores.

No Quadro acima, podemos observar um conjunto de fatores essenciais para a progressão temática do texto. Ao lermos, percebemos o seu valor comunicativo, visto que a combinação de palavras na frase “dão conta da sequenciação superficial do texto,

isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido” (KOCH, 2000, p. 35). Esse conjunto de informações nos permite identificar a real intenção dos escritores com a carta, que era divulgar e convencer os alunos a participarem do evento. Na área da linguística textual, esse aspecto é chamado de intencionalidade.

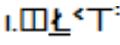
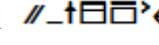
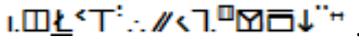
Koch (1999, p. 80) diz que a “intencionalidade abrange todas as maneiras como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas”. Dessa forma, percebemos essas características no texto acima, pois o enunciado apresenta uma intenção de convidar e divulgar o evento na instituição em que os participantes estudam (cf. linhas 2 a 4).

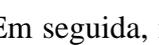
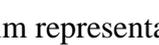
Outro princípio de textualidade presente no texto pode ser observado nas linhas 5, 6 e 7, que é o aspecto de informatividade. Koch (1999) explica que esse aspecto está diretamente relacionado ao conhecimento que o enunciador tem sobre o assunto, sendo que é preciso que ele consiga desenvolver o texto apresentando as informações necessárias para determinado assunto. Assim, percebemos que os participantes da pesquisa dão conta de desenvolver as ideias do texto, apresentando o assunto em questão com segurança e precisão.

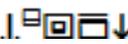
Outro aspecto de textualidade encontrado no texto é a situacionalidade. Esse aspecto está diretamente ligado à função do texto e o seu valor comunicativo no contexto social e/ou cultural. Costa Val (1994, p. 12) afirma que a situacionalidade é “responsável pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre”. Nesse aspecto de textualidade, podemos observar a preocupação dos participantes em relação aos dias e horários do evento (cf. linhas 8 e 9), bem como informações pertinentes relacionadas ao contexto do acontecimento, que é convidar alunos de ensino médio a conhecerem o que a UFG tem de opções de curso para que no futuro possam fazer a escolha de seu próprio curso, uma vez que em breve estarão nessa etapa da vida acadêmica.

Todas essas características contribuem para que o texto acima apresente aspectos de coesão e coerência. O texto convida os alunos a participarem de um evento relevante para eles, pois são alunos de ensino médio (cf. linha 2) que em breve poderão estar na posição de escolher um curso universitário e o evento é justamente para auxiliar nessa escolha (cf. linhas 6 e 7). Além disso, fornece informações precisas sobre horário, data

e local (cf. linhas 8 e 9), compatíveis com o evento. Assim, é um texto compreensível, coerente com o mundo dos fatos.

Analisando o emprego de algumas palavras do texto acima, há dois sinais utilizados que geram dúvida ao leitor, que são o sinal  /ALUNO/ (cf. linha 1), e o sinal  /CONVIDAR/ (cf. linha 2). Sobre o sinal /ALUNO/, a forma como ele foi escrito leva-nos a entender que o convite é apenas para um aluno e não para um grupo maior de pessoas. Desse modo, a maneira como o sinal poderia ser escrito, para indicar alunos, no plural, é fazer a marcação de pessoas no espaço neutro, ficando um sinal formado por duas partes, /ALUNOS/ mais /VÁRIAS-PESSOAS/: .

Em seguida, no sinal  /CONVIDAR/, há um erro de diacrítico para indicar o lado direito do espaço neutro , como também, o tipo de movimento que, a princípio, é entendido que os alunos estão apenas do lado direito . No entanto, /ALUNO/ é a segunda pessoa do discurso, ou seja, a pessoa com quem se fala, e o espaço da segunda pessoa é normalmente à frente do sinalizador, o que se confirma no uso do sinal  /VOCÊS/ (cf. linha 4) posteriormente, em que a pessoa que está sendo convidada está em um espaço à frente do sinalizador. Sendo assim, o movimento correto deve ser realizado do interlocutor para o sinalizador, no caso a pessoa que está fazendo o convite. Assim, a maneira correta é o movimento retilíneo para trás, ficando o sinal assim representado em Libras/ELiS: .

Apesar do uso impreciso dessas palavras, elas não comprometem a ideia geral do texto, pois outros léxicos realizaram a coesão no texto, como por exemplo: o sinal  /VOCÊS/ (cf. linha 3 e 4), o sinal  /SE/ (cf. linha 4), o sinal  /AQUI/ (cf. linha 5), e o sinal  /ALUNO/ (cf. linha 6).

No primeiro exemplo, o sinal /VOCÊS/ é produzido em Libras da seguinte maneira: dedo indicador apontado para frente e os demais dedos estão fechados, a orientação da palma para baixo, o ponto de articulação no espaço neutro e o movimento é realizado da esquerda para direita. Nessa expressão, o pronome /VOCÊS/, no plural, retoma um elemento anterior referindo-se ao interlocutor do discurso, no caso, os alunos. Isso é possível, pois nem sempre o plural é marcado na Libras, portanto, mesmo o sinal /ALUNO/ não tendo marcação de plural, entende-se que o sinal /VOCÊS/ se refere a esse léxico que foi usado como vocativo no início da carta.

No segundo exemplo, o sinal /SE/ funciona como uma conjunção subordinada condicional na frase, uma vez que exprime uma hipótese referente à possibilidade dos alunos poderem tirar suas dúvidas sobre a escolha de sua profissão. Nessa expressão, a conjunção é produzida, em Libras, da seguinte maneira: configuração de dedo polegar e demais dedos fechados, orientação da palma para frente, no espaço neutro e movimento de abrir apenas o dedo mínimo, mantendo os demais dedos fechados.

Outro elemento de coesão também presente nessa mesma frase, ‘Se vocês têm um sonho, aqui é o lugar certo para resolverem’, é o marcador de discurso /AQUI/, usado para retomar uma ideia anteriormente apresentada na frase, no caso o sinal /UFG/. Em Libras, esse marcador é um adjunto adverbial de lugar e é produzido da seguinte maneira: dedo indicador estendido e demais dedos fechados, orientação da palma para trás e ponta de dedo apontado para baixo, no espaço neutro, em frente ao corpo, e o movimento para baixo.

Por fim, nas linhas 5 e 6, temos a seguinte frase: /VOCÊS/ /CONTATO/ /ALUNO/ /CURSO/ /VÁRIOS/ /TER/ /ALUNO/ /AJUDAR/ /DÚVIDA/ /VOCÊS/ /ESCOLHER/ /PROFISSÃO/ /MELHOR/, que traduzida para o português seria “(...) *vocês terão contato com alunos de diversos cursos, que poderão ajudá-los a tirar dúvidas para fazerem a melhor escolha em sua carreira profissional*”. Nesse exemplo, há um tipo de coesão referencial de reiteração, pois o sinal /ALUNO/, na linha 6, foi usado como elemento de continuidade, ligando uma oração à outra, indicando que alunos eram esses que ajudariam a tirar dúvidas e escolher a melhor profissão.

Considerações finais

Com os exemplos apresentados na fundamentação teórica sobre os elementos de textualidade em textos escritos em Libras/ELiS e com os resultados encontrados na análise dos dados, pudemos atingir os objetivos que havíamos proposto no início deste trabalho, que eram explicar a estrutura básica para escrever em Libras/ELiS e discutir os aspectos de textualidade em um texto escrito nessa modalidade.

Dialogamos durante a fundamentação teórica com autores que explicam a teoria de texto e os elementos textuais que fazem parte da construção de um texto, especialmente, autores que trabalham com a teoria de texto em línguas orais. Com esse estudo, vimos que apesar de a Libras apresentar diferenças estruturais comparada ao

português, foram encontrados vários tipos de elementos textuais na produção de um texto escrito em ELiS, semelhantes aos de um texto em português.

Em conclusão, os resultados deste estudo mostram que é possível escrever textos em Libras utilizando a ELiS, por revelar a presença de aspectos de textualidade em textos escritos nesse sistema, como, por exemplo, os aspectos ligados a pragmática (intencionalidade, situacionalidade, informatividade) e aspectos ligados à coesão e à coerência.

Dessa maneira, sugerimos que novas práticas metodológicas em salas de aula de Libras sejam realizadas para incluir a ELiS, pois desejamos que a comunidade acadêmica e não acadêmica possam ter o direito e a oportunidade de aprender um sistema de escrita de línguas de sinais e fazer o uso dela em sala de aula, no escritório, na vida pessoal, entre outros. Sugerimos também, que estudiosos ligados à área de análise linguística de línguas de sinais possam fazer o uso da ELiS em suas pesquisas.

Referências

- BARROS, M. E. *ELiS – escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática*. 2008. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91819>>. Acesso em: 13. jun. 2020.
- _____. *ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto Alegre: Ed. Penso, 2015.
- _____. Princípios básicos da ELiS: Escrita das línguas de sinais. *Revista Sinalizar*, v.1, n.2, p. 204-210, 2016. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38881>>. Acesso em: 10. jun. 2020.
- BARROS, M. E.; FERNANDES, L. A. Projeto dicionário DEIT- Libras em ELiS: Análise da ELiS. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 2, n.1, p. 96 – 109, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38558/23682>>. Acesso em: 24. jun. 2020.
- BENASSI, C. A. A primeira monografia de pós-graduação *lato senso* do Brasil em ELiS. *Revista de diálogos*, Mato Grosso, v. 2, n. 2, p. 22 – 31, 2014. Disponível em: < <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2943/2063>>. Acesso em: 24. jun . 2020.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, I. (Org.) *(Re) Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 19 – 46.
- COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DOMINGOS, F. K. P. *Português brasileiro e Libras: elos coesivos em textos em relação tradutória*. 2013. 183 f. Dissertação (Mestrado em estudos da tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- FERNANDES, L. A. *ELiS – internacionalização da escrita das línguas de sinais*. Saarbrücken, Alemanha: novas Edições Acadêmicas, 2015.

- FERNANDES, E. M. F. *A produção escrita e a reescrita: indícios significativos no processo de aprendizagem da produção de texto*. 2007. 228 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2007.
- FERNANDES, L. A. CAMARGO, V. A. O Lobo e Ovelha. *Revista Sinalizar*, Goiânia. v.2 , n. 2, p. 246 – 248, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36157/24805>>. Acesso em: 24. jun. 2020.
- FERNANDES, L. A.; SILVA, L.; EL KHOURI, J. I. A cigarra e a formiga. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 2, n.1, p.112 - 115, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36036/23383>>. Acesso em: 24. jun. 2020.
- _____. A raposa e a cegonha. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 3, n.1, p.137 - 142, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36148/25771>>. Acesso em: 24. jun. 2020.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- FREITAS, G. G. de. *Escrevendo em Libras/ELiS: estratégias de produção colaborativa de textos, análise de erros e percepção dos alunos surdos e ouvintes*. 2020. 257 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG_740e2401e5708a4afc3a0850f0d26487>. Acesso em: 13. jun. 2020.
- FREITAS, G. G.de.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de.; COSTA, A. M. da. A colaboração na aprendizagem de escrita de sinais (ELiS): o que pensam alunos ouvintes sobre o trabalho em pares?. *Revista X*, v. 14, n. 4. 2019. Disponível em: <<https://www.e-ublicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/viewFile/37188/27365>>. Acesso em: 13. jun. 2020.
- FREITAS, G. G. de.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de.; BARROS, M. E. Por que escrever em língua de sinais? *Revista diálogos (RevDia)*, v. 8, n. 2, p. 54-69, 2019. Disponível em: < <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7764/html>>. Acesso em: 13. jun.2020.
- HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
- KOCH, I. G. V. Principais mecanismos de coesão textual. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 15. p. 73 – 80, 1988. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636762/4483>>. Acesso em: 29. jun . 2020.
- _____. *Texto e coerência*. 6º ed. São Paulo, Cortez, 1999.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LANE, H. Do deaf people have a disability? Em H-Dirksen L. Bauman (Org.), *Open your eyes: Deaf studies talking*. Minneapolis: University of Minnesota, 2008, p. 277-292.
- LIMA, A.C.; BARROS, M. E. O príncipe sapo ou Enrique de ferro. *Revista sinalizar*. Goiânia, v. 3, n. 2, p.112-119, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56985/32621>>. Acesso em 24. jun. 2020.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- QUADROS, R. M. *Coesão na Libras* (E-mail). Message to: Franz Kafka Porto Domingos & Maria Lúcia Vasconcellos. Enviado em: 16 de Novembro de 2011 às 20:17. Acessado em: 17 de Novembro de 2011.
- QUADROS, R. M. d.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- REIS, L.S. da. O processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em língua portuguesa. 2019. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2019. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/4170>>. Acesso em: 20. jun. 2020.
- REIS, L. S. da; BIDARRA, J. Elementos referenciais na Libras: uma análise realizada a partir de anáforas diretas em língua portuguesa. *Revista Línguas e Letras*. v. 20, n. 40, p. 212 – 230, 2019. Disponível em: <DOI: 10.5935/1981-4755.20190042>. Acesso em: 13. jun. 2020.
- RODRIGUES, E. *Os fios da Libras na voz do surdo tecelão: a textualidade na língua brasileira de sinais*. 139 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19985>>. Acesso em: 29. jun. 2020.
- SILVA, L. V.; EL KHOURI, J. E. B.; CARVALHO, A. G.; BARROS, M. E. Escrita das línguas de sinais (ELiS): sua efetividade e praticidade. In: FARIA, J. G.; REZENDE, T. F. (Orgs.) *Expressões sinalizadas*. Goiânia: Cegraf UFG, 2019. E-book; 330p. p. 188- 206.
- SILVA, L.V.; SILVA, S. C. da. O galo e a raposa. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 3, n.1, p.143 - 145, jan. / jun., 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/53827/25798>>. Acesso em: 24. jun. 2020.
- SPICACCI, A. A. C.; BARROS, M. E. Traduzindo o dialeto do personagem Chico Bento do português para Libras por meio da ELiS. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 3, n.1, p. 40 -56, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/51152/25683>>. Acesso em: 24. jun. 2020.